

Narradores não humanos na literatura brasileira contemporânea

Carolina Severo Figueiredo

Doutoranda PPGLit | UFSC | CAPES

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Gaiotto de Moraes | UFSC

Introdução

Na pesquisa de Doutorado que estou desenvolvendo, tenho pensado em um tipo de **romance narrado por bichos, coisas, plantas**, cuja organização do texto elabore algum deslocamento da subjetividade humana para a não humana. Ou seja, tenho estudado romances que tentam, na própria forma, emular uma perspectiva descentralizada do humano. Não se trata, portanto, de estudar textos onde os animais ou objetos narram sem qualquer distinção formal do que seria uma linguagem humana, o que é o caso das fábulas e apólogos que utilizam estes seres como metáforas antropomorfizadas como “A agulha e a linha”, de Machado de Assis (1896) ou “Buba e o muro social” (2006), de Ferréz, nem das narrativas em terceira pessoa que buscam imaginar o mundo sob os olhos de uma criatura não humana, como “Baleia” (1936), de Graciliano Ramos.

Pensando na tradição da literatura brasileira, comporia a pré-história do escopo deste trabalho textos como *Meu tio, o iauaretê* (1961), no qual Guimarães Rosa compõe um narrador em primeira pessoa aos poucos se transformando em onça, e ainda mais anterior, o conto *Conversa de bois* (1946), onde também podemos perceber uma fabulação metamórfica. Os animais representados neste último conto têm uma linguagem “bovina”, aproximada de marcações de oralidade do português com mugidos e um excesso de reticências que transmite lentidão à narrativa, também emulatória da subjetividade ruminante dos bois. O que me interessa em termos de pesquisa, portanto, é muito mais esta experimentação linguística que podemos perceber em Guimarães Rosa, ou seja, os esforços de autores que se transportam “para dentro dos bichos, não para transmitir a sua própria personalidade, mas para interpretar e exprimir a imaginada vida interior deles” (Abreu, 2015, p. 69).

É o que também faz, anos depois, em 1981, o ainda pouco conhecido Harry Laus na novela *Monólogo de uma cachorra sem preconceitos*, quando busca descrever o mundo a partir do olhar de uma jovem cadela dálmata. Escrito todo em fluxo de consciência, sem nenhuma pontuação para além dos travessões de diálogo entre humanos, a escolha formal de Laus também se aproxima desta busca por mimetizar características imaginadas do pensamento animal — desta vez, uma narrativa rápida, um texto “canino” para contrastar com Rosa. Além disso, a própria compreensão de mundo da narradora também se destaca do humano como uma observadora da nossa cultura, em especial em relação à sexualidade. Semelhante aos bois de Guimarães Rosa, a narradora de Laus tece uma série de críticas à humanidade, mas a partir de linguagem experimental desenvolvida por um autor que conseguiu, em sua construção textual, capturar uma outra percepção de temporalidade.

Assim, essa pesquisa tem como escopo **textos de literatura brasileira contemporânea que partem de um exercício de emulação linguística a partir de uma lógica não pautada na excepcionalidade humana**, que podem ser lidos a partir de subsídios éticos das chamadas Virada Vegetal (Coccia, 2018), Humanidades Ambientais (Emmet; Nye, 2017) e Ecocrítica (Thomaz, 2024). Como considero a literatura brasileira contemporânea como iniciada nos anos 1970, em confluência com Dalcastagnè (2026), então, em termos de panorama da pesquisa, podemos ir até o romance moderno para buscar as origens deste tipo de narração que nos interessa para esta pesquisa.

Quando bichos e coisas narram

Há um certo clichê na afirmação de que a literatura é o lugar de onde podemos sonhar, mas existe uma característica na literatura de transpor muitos desses sonhos em dois espaços: primeiro, no objeto livro, material e portanto corporificado. E segundo, na dimensão coletiva das diferentes leituras desses sonhos nos textos de crítica, resenhas e estudos. Ainda que o sonho nasça de certa forma dentro de um sujeito individual (o autor, apesar de sempre contaminado pelo seu lugar no mundo, sua história e seu contexto), **um romance único pode proporcionar uma série de desdobramentos materiais à comunidade de pessoas que irão reverberar este sonho no futuro**. É sob esta perspectiva que **Carola Saavedra** (2021, p. 19), inspirada por Timothy Morton (2013), descreve o livro como um hiperobjeto, ou seja, um objeto que acaba por afetar uma comunidade imensa de pessoas, desde os leitores, os críticos literários, os livreiros, os resenhistas, os ilustradores, os tradutores, enfim. E é justamente do lugar do sonho codificado na literatura que nasce *O manto da noite* (2022), romance em que Saavedra transforma a Cordilheira dos Andes em uma personagem que fala, conta histórias e dialoga com uma humana em processos constantes de meta-

morfose. O tempo da narrativa é onírico, circular, atravessa os povos pré-históricos, a colonização das Américas, o presente e o futuro distópico, dialogando diretamente com uma perspectiva descentralizada do humano: é o tempo da Cordilheira, quase infinito.

Além de Carola Saavedra, **Micheline Verunsch** também buscou emular uma temporalidade mais-que-humana, para usar o conceito de Abram (1998) bastante difundido por Haraway (2008; 2016), no seu romance *O som do rugido da onça* (2021). Aqui, a narradora-personagem também passa por metamorfoses ao longo da história, não apenas no corpo, mas na própria linguagem. A experimentação linguística que Verunsch desenvolve tem fortes inspirações no jaguanhenhém (Ávila; Trevisan, 2015), o experimentalismo híbrido entre português e nheengatu de Guimarães Rosa em *Meu tio, o iauaretê*. Narrado por Uaara-lñe-e, menina indígena que virou onça mítica, fora do tempo, a história contém emulações linguísticas e temáticas semelhantes ao romance de Saavedra: ambas podem ser consideradas “utopias que projetam futuros de maior justiça, mediante a recriação do passado ao fazerem emergir vozes que estavam soterradas” (Gaiotto de Moraes, 2024, p. 12).

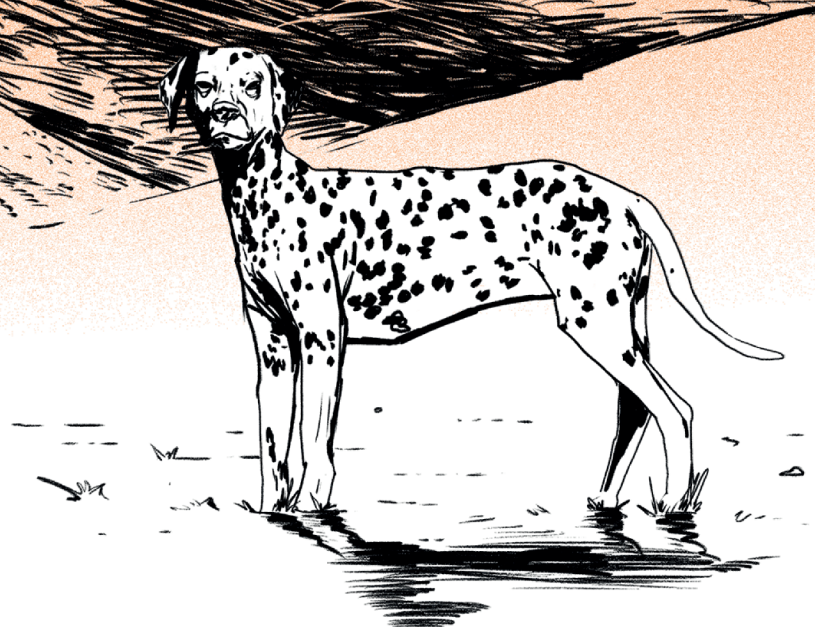
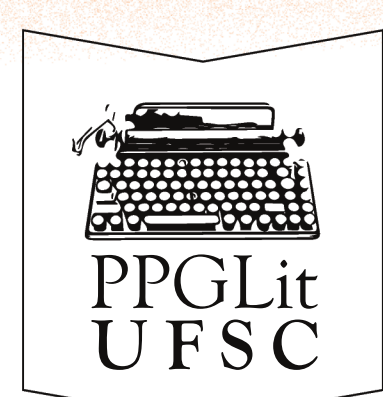
Nestes dois romances, tentar imaginar a subjetividade de uma montanha ou uma onça (ou em ambos os casos, de espíritos míticos) é também o esforço de compor no texto o exercício da imaginação de um passado e um futuro de Brasil sob outro olhar. Apesar de metafóricas, **as duas narrativas compartilham uma vontade de emular uma linguagem não antropocêntrica e, consequentemente, construir uma ética que pensa para além da excepcionalidade humana através do próprio desenvolvimento formal do texto**.

Encerramento

Assim, os textos de Saavedra, Verunsch e Laus, na literatura brasileira contemporânea, e, mais anterior, nos contos de Rosa, seriam exemplos da consideração de que “existem ‘viveres’ cuja pluralidade não se deixa reunir em uma figura única da animalidade simplesmente oposta à humanidade” (Derrida, 2002, p. 87). Ou seja, de que **o romance pode desenvolver em sua própria forma a ideia de uma multiplicidade de existências heterogêneas que carregam uma multiplicidade de relações imbricadas entre si, não apenas no tema mas na própria linguagem**. O ato de construir esses textos metamórficos exprimiria, assim, o desejo contemporâneo de questionar a excepcionalidade humana e consequentemente legitimar subjetividades não humanas a partir da literatura.

Referências

- ABREU, Alexandre Veloso de. *Conversa de bois: uma fábula de João Guimarães Rosa*. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 19, n. 37, p. 63–80, 2018. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/scripta/article/view/P.2358-3428.2015v19n37p63>. Acesso em: 20 mai. 2026.
- ÁVILA, Marcel Twardowsky; TREVISAN, Rodrigo Godinho. Jaguanhenhém: um estudo sobre a linguagem do iauaretê. *Magma*, São Paulo, Brasil, v. 22, n. 12. Disponível em: <https://revistas.usp.br/magma/article/view/98404>. Acesso em: 26 mai. 2026.
- DALCASTAGNÈ, Regina. *Uma história da literatura brasileira contemporânea: a narrativa*. São Paulo: Todavia, 2026.
- DE MORAES, Ricardo Gaiotto. Ruge a carta, corresponde o arado, ara o rugido: utopias de comunidade na literatura brasileira contemporânea. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. 2024, n. 73. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2316-40187308>. Acesso em: 15 mai. 2026.
- DERRIDA, Jacques. *O animal que logo sou (A seguir)*. Tradução de Fábio Landa. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- HARAWAY, Donna. *O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa. Revisão técnica e posfácio Fernando Silva e Silva*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- _____. *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthluceno*. Tradução de Ana Luiza Braga. São Paulo: n-1 edições, 2023.
- LAUS, Harry. *Monólogo de uma cachorra sem preconceitos*. Ilustrações de Darcy Penteado. Florianópolis: Ed. do Autor, 1981.
- ROSA, Guimarães. *Conversa de bois*. In: *Sagarana*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.
- _____. *Meu tio, o iauaretê*. In: *Estas estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- SAAVEDRA, Carola. *O manto da noite*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- _____. *O mundo desdobrável: ensaios para depois do fim*. Belo Horizonte: Relicário, 2021.
- VERUNSCHK, Micheline. *O som do rugido da onça*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.



Realização



Apoio

